

# **MÁQUINAS PARADAS E PÉS A OBRA: FUTEBOL E COTIDIANO FABRIL EM FORTALEZA (1950-65)**

Pedro Paulo da Silva Martins<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Ceará – UFC.

## **RESUMO:**

O presente trabalho é fruto de uma recente pesquisa que se deu no desenvolvimento da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico I no curso de História da Universidade Federal do Ceará, realizada no semestre de 2012.2. Tal pesquisa tem enfoque no futebol proletário que era praticado em Fortaleza entre 1950-65, periodização esta que está diretamente ligada ao período de existência do objeto histórico por mim pesquisado, o clube de futebol Usina Ceará – clube formado inicialmente por funcionário da centenária fábrica da Siqueira Gurgel, anteriormente situada no bairro do Otávio Bonfim. Pretendo entender qual o lugar do futebol nesse período de novas referências culturais e materiais, percebendo esse esporte como uma prática agregadora de classe e como o Usina Ceará está inserido nesse contexto, uma vez que guarda, ainda naqueles tempos, muito das formações e relações das práticas do esporte que se davam antes da profissionalização do futebol.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Lazer Operário; Profissionalização do Esporte.

## **1- Novas referências: modernidade e esportes.**

A década de 1950 irá apresentar-se para nós como sendo de fundamental importância para entendermos aspectos relacionados a experiências sociais e práticas culturais vivenciadas ainda hoje. É importante salientar o contexto externo político e social contemporâneo à essa década.

Vivia-se o período pós-segunda guerra. O mundo se polarizava, aos poucos, em zonas de influência. De um lado tínhamos a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o seu socialismo real, que dominava econômica e socialmente os países à leste do globo – países da Europa oriental e os Balcãs – e do outro os Estados Unidos,

---

<sup>1</sup> Pedro Paulo da Silva Martins. Graduando 7º Semestre do curso de História – Universidade Federal do Ceará.

que saiu-se como o país mais beneficiado do pós-segunda guerra. Como é sabido, coube aos Estados Unidos ser o polo irradiador de influências econômicas, sociais e culturais de boa parte do mundo ocidental.

É nesse contexto que se percebe uma ressignificação do que são as referências culturais que vem de fora e vão influenciar toda uma geração. Aquilo que é civilizado e moderno, agora é iluminado pelos EUA. Não mais a França, e sim os EUA são o espelho do mundo ocidental. E é a partir de um progresso material e industrial pautado, principalmente, numa sociedade de consumo, que os valores do capital vão se consolidar nesses países “tutelados” pelos EUA.

Essa influência irá se mostrar em vários segmentos culturais e sociais nessa nova referência daquilo que é moderno e civilizado. Nas práticas de lazer e esportivas esse novo referencial não deixará de se fazer presente. Em meados da década de 1950 e início da década de 1960, percebe-se a afirmação de uma modalidade de esporte vinda da América do Norte: o *basketball*.

Tal modalidade se mostra cada vez mais em evidência nas páginas esportivas dos periódicos da capital dividindo espaço com o futebol – esporte que já era massivamente praticado, discutido e difundido pela mídia neste período – e outros esportes. O *basketball* se mostra, também, como uma inversão de referência corporal na prática esportiva se comparado com o futebol, uma vez que agora são as mãos e não mais os pés os “protagonistas”.

Essa aproximação de uma ideia antropológica do esporte nos permite associar a prática esportiva a uma consciência coletiva cultural de um determinado lugar social onde foi originado e praticado. Assim, aqueles que praticam o *basketball* em Fortaleza são, em sua grande maioria, membros de uma classe média / média alta e que tinham condições de praticar esse esporte em espaços bem definidos, equipados, planejados e que não são de fácil acesso para todos, uma vez que para o se realizar a prática do basquetebol nem todo lugar pode se transformar em espaço, de acordo com a perspectiva de lugar praticado de Michel de Certeau.

Mas o *basketball* não será sozinho marca dessas novas referências de lazer esportivo – vindas de fora e que são sinônimos de civilização e modernidade – na cidade de Fortaleza nas décadas de 1950-60. Várias eram as modalidades esportivas

que davam seus primeiros passos em Fortaleza, a saber: apresentações de “vale tudo” na quadra da Fenix Caixeiral de um Campeonato Internacional que trouxeram para nossa cidade o campeão europeu Schober e os lutadores internacionais Gigante de Ébano e El Passrito; apresentações para divulgação do jiu-jitsu para os filhos dos associados do Jockey Clube Ceará e Competições ciclísticas – Volta da Cidade – promovidas pelo Avenida Clube no bairro Otávio Bonfim mostram como essas novas práticas de lazer esportivo se materializavam de dentro dos clubes sociais e eram sinônimos de “novo”.<sup>2</sup>

O voleyball também serve, à época, como um elemento de expressão desses novos lazeres esportivos. Assim anunciava o jornal O Povo de 1952 uma partida de Voleibol realizada em um clube social de Fortaleza:

[...] Festejando a passagem do aniversário natalício dos seus diretores, Luiz Pereira Nobre, presidente, e Antônio Soares Silva, o Santa Cruz Esporte Clube, simpática agremiação do bairro de Soares Moreno, promoveu domingo último alegres festas em sua sede social, sendo cumprido um atraente programa. Como parte do referido programa constaram duas peijas de voleibol, pela manhã, entre as equipes do Botafogo e Fluminense, compostas por elementos dos quadros sociais do Santa Cruz.<sup>3</sup>

Vemos aí como esses grupos que compunham os clubes sociais se apropriavam dessas novas práticas de lazer esportivo, vindos de fora, como uma forma de dar publicidade ao seu clube social, mostrando que eles estavam inseridos nesse contexto de modernidade que vinha de fora.

Um detalhe chama a atenção nessa matéria. Por mais que essa prática do voleibol servisse como uma distinção de prática inserida dentro dos esportes norte-americanos, o nome das equipes – Botafogo e Fluminense, dois grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro –, formadas pelos elementos dos quadros sociais do clube, mostram a grande influência que o futebol tem nas práticas esportivas.

Mas qual o lugar do futebol nas práticas esportivas desse período? Estaria ele inserido nesse discurso moderno da época? Pretendo nessa parte trazer esse confronto simbólico em torno desses novos esportes que estão chegando, a partir do pós-segunda guerra dotados de um ar civilizado e moderno, e o futebol. Para fazer esse confronto

---

<sup>2</sup> Jornal O Povo, Fort.-CE 18 e 20.03.1952.

<sup>3</sup> Jornal O Povo, Fort.-CE 11.02.1952.

tentarei levantar a ideia de que o futebol, já em 1950-60 toma ares de esporte tradicional do Brasil.

O futebol nas décadas de 1950-60 já pode ser considerado, para aqueles que dele fazem uso, o esporte tradicional do povo brasileiro. Vale lembrar que desde meados da década de 1930 – fruto das leis trabalhistas do período varguista – já havia a profissionalização do jogador de futebol (no Ceará se deu em 1939), por mais que não fosse aderido por muitos clubes. Esse processo de profissionalização do futebol abriu alguns precedentes para aqueles que o praticavam apenas por lazer ou condicionamento físico, enxergassem aí uma possibilidade de ascensão social tendo sua garantia legalizada.<sup>4</sup>

[...] acenando com a possibilidade que o jogo e a festa são instrumentos de mudança de posição social e de perspectiva. Neste sentido, o nosso futebol aciona uma visão do mundo na qual o fraco vira forte, o oprimido torna-se expressivamente dominante e o socialmente inferior transforma-se em herói. (DaMatta, 2006:69).

Vale lembrar, também, que em matéria de eventos de grande monta, além de já ter sediando uma Copa do Mundo em 1950 – e perdido no trágico episódio do maracanço, quando foi derrotado em pleno maracanã, com mais de 190.000 expectadores pela seleção uruguaia por 2x1 – a seleção brasileira foi campeã da copa do mundo de 1958 na Suécia, além de três Copas América, até então. Analisando o futebol em seu o âmbito nacional o antropólogo Roberto Da Matta diz:

[...] Foi o futebol que juntou hino e povo, que consorciou camisa e bandeira, que popularizou a ideia de pátria e de nação como algo ao alcance do homem comum e não apenas do ‘doutor’ e do mandão. (DaMatta, 2006:111).

Podemos entender o futebol em sua acepção cultural como um agregador coletivo que une sujeitos em torno de uma comunidade imaginada nacional. Mas essa ideia de identidade coletiva pode ser aplicada, também, ao clube de coração. Percebemos como essa prática, vai se tornado tradicional entre aqueles que dele fazem uso, que vai desde um grande dirigente de Federação, até um simples torcedor.

---

<sup>4</sup> Essa questão do profissionalismo no futebol é uma questão delicada para se trabalhar, tendo em vista a falta de material e a dubiedade daqueles que tratam do assunto. Até que ponto esse jogador deixa de ser amador é uma pergunta pertinente e que ainda esta para ser respondida.

## 2- Futebol: ferramenta agregadora de classes.

É aqui onde começo a encaixar a especificidade da pesquisa. Perceber o futebol como uma prática esportiva agregadora de classe, mais especificamente da classe proletária.

Antes, é preciso situar esse futebol de fábrica no contexto temporal e espacial no qual se dá minha pesquisa.

Quando se fala em clubes fabris, logo nos vem à mente o processo de popularização do futebol no Brasil entre as décadas de 1900 e 1930.<sup>5</sup> Existem diversos trabalhos acadêmicos e publicações sobre esse tema que tratam dessas primeiras décadas do século XX. A partir de tais reflexões surgem problematizações que giram em torno do futebol como ferramenta de união classista, de como havia uma apropriação anarquista e comunista desse futebol para seus fins etc.

Já para o período do meu recorte histórico – 1950-65 – existem pouquíssimos materiais na área da História. É sabido que o futebol de fábrica não se finda após esse primeiro momento e as fontes mostram isso. Quero perceber como se dava essa apropriação do futebol operário, frente a esses novos referenciais de lazer moderno, lembrando que é nesse período que se dá a proliferação dos clubes sociais da cidade de Fortaleza.<sup>6</sup> Qual o lugar desse futebol proletário nesse período, tendo em vista que o próprio futebol, também, estabelecia barreiras simbólicas determinando para quem, de quem e para o que esta prática esportiva estava sendo realizada, o que nos faz pensar acerca da ideia: será mesmo o futebol o esporte mais democrático?

Paralelo ao campeonato cearense existia campeonatos segmentados para uma determinada categoria. Os campeonatos de classe ocorriam já em meados da década de

---

<sup>5</sup> O caso brasileiro mais conhecido remonta a formação do time The Bangu Athletic Club, fundado em 1904 por funcionários ingleses da Cia. Progresso Industrial, mais conhecida como fábrica Bangu, que logo teve seu quadro composto por funcionários da tecelagem da fábrica. No Ceará o caso mais famoso de fundação de clube de operários se materializa em 1933 com o surgimento do Ferroviário Atlético Clube, que tinha nos operários da Rede de Viação Cearense.

<sup>6</sup> Tal segregação de práticas de lazer de uma elite e o lazer proletário começa a ter suas origens no processo de urbanização e industrialização de Fortaleza. Tal segregação pode ser vista na Inglaterra já a muito industrializada em inícios do século XX. De acordo com Eric Hobsbawm: *(...) o operário era segregado pela divergência de estilos de vida, do “que os operários fazem”, daquilo que as outras classes faziam. Desta forma, parece claro que à medida que o futebol ganhou apoio das massas, tornou-se cada vez mais uma atividade proletária, tanto para jogadores quanto para torcedores.* (Hobsbawm, 1987) p.p 288-9.

1950. Desde industriais a acadêmicos, esses campeonatos disputavam espaço nas páginas esportivas dos periódicos com as notícias dos clubes cearenses da Federação.

O jornal Correio do Ceará estampava assim uma notícia acerca do campeonato acadêmico de Fortaleza:

Realizou-se sábado último a rodada do Campeonato Acadêmico de Futebol, no Estádio Carlos de Alencar Pinto (Porangabussú), para o que estavam marcados dois cotejos: Faculdade de Direito x Medicina e Ciências Econômicas x Odontologia. (...) Sábado próximo, prosseguirá a batalha pelo cetro de campeão do certame Unversitário, que a esta hora apresenta apenas um único líder – a Filosofia – que, por sinal irá saldar importante compromisso frente a Escola de Agronomia.<sup>7</sup>

Essa forma elitista de prática do futebol deixa clara essa imposição de barreiras e delimitação das fronteiras e agrega em um espaço temporal e territorial uma determinada camada social.

Voltando a prática do futebol de Fábrica. Podemos perceber que este era realizado de maneira mais organizada do que outrora. Campeonatos da categoria eram realizados pelo Serviço Social da Indústria do Ceará – SESI. Trazia estampado, assim, o informe contido no Correio do Ceará acerca do II Campeonato das indústrias de Fortaleza:

ENTUSIASMO DOS CLUBES INDUSTRIARIOS PELO CERTAME  
PROMOVIDO PELO SESI.  
O Serviço de Educação Social e Recreação do Departamento Regional do SESI, vai reiniciar suas atividades no setor dos Esportes, com a promoção do II Campeonato “Industriais de Fortaleza”. Realizaram-se várias reuniões na sede do Departamento, nas quais tomaram parte os dirigentes dos diversos clubes de nossas principais indústrias. (...) A final, ficou acertada a realização no próximo dia 6, domingo, do festival esportivo do SESI no Estádio Teófilo Gurgel, em Otávio Bonfim.<sup>8</sup>

Então, esse futebol de fábrica ainda existia, não nos moldes do seu início, mas agora amparado por uma organização industrial. Pensando nesses campeonatos industriais, espero analisar a prática do futebol como congregação de classe que está para além da fábrica em si, uma vez que une para o lazer esportivo os operários das mais diversas funções e de diversas fábricas, a saber: Santa Cecília, Uzina Evereste, Brasil Oiticíca, Molas Nordeste, Cerâmica Santa Terezinha, Pajeú etc., são equipes que participaram desse torneio.

---

<sup>7</sup> Jornal Correio do Ceará, Fort.-Ce 24.08.1953.

<sup>8</sup> Jornal Correio do Ceará, Fort.-CE 02.09.1953.

Interessante é pensar que esses campeonatos também serviam para divulgar marcas de produtos dessas indústrias, como é o caso do time Pajeú, que leva o nome do óleo extraído do caroço do algodão e que era produzido pela Siqueira Gurgel. Esse clube sim, provavelmente, seria formado unicamente pelos operários da fábrica.

Dentre as informações contidas na chamada do jornal, chamou-me atenção o local onde se realizaria o campeonato, o Estádio Teófilo Gurgel. Este estádio pertencia ao Usina Ceará, feito em um terreno cedido pela Siqueira Gurgel. De acordo com Alberto Damasceno, memorialista da bola: *o Usina tinha um estádio, ali na José Bastos, onde hoje é a Crasa.* (Damasceno, 2003:199). Já Alfredo Sampaio, outro memorialista conta: *O Usina chegou a construir um pequeno estádio, na esquina da Av. Duque de Caxias com José Bastos, a que deu o nome de Estádio Teófilo Gurgel.* (Sampaio,2007:74). O próprio nome do estádio, Teófilo Gurgel – fundador da fábrica em 1909 – deixa claro essa relação do patronato que se vale do futebol como maneira de preservar uma memória familiar. Seria interessante perceber a possibilidade da existência de uma cultura futebolística de incentivo ao desporto fabril que partiria da fábrica.

Para além do amadorismo, existiam clubes associados à Federação de Desportos que guardavam ainda, em sua essência, muito do futebol praticado dentro das fábricas. Aqui analisarei o Usina Ceará, que por mais que este seja uma equipe “mista” formada por jogadores profissionais e operários da fábrica, ainda guarda muito das características desse futebol tradicional praticado por fabris já nas primeiras décadas do século XX.

### **3- Usina Ceará: o clube proletário.**

*“O Usina Ceará vai festejar a conquista do título de campeão”.*<sup>9</sup> Assim estampava, em destaque, a página esportiva do Jornal O Povo convidando, a quem pudesse interessar, para a festa em homenagem aos craques que conquistaram o título da Segunda Divisão do futebol cearense em 1951. Um grande feito se levamos em consideração que o clube era formado na sua grande maioria por trabalhadores da Fábrica Siqueira Gurgel, conhecida também por Usina Ceará, e que tinham que alternar diariamente suas jornadas de trabalho com treinamentos, amistosos e partidas oficiais.

---

<sup>9</sup> Jornal O Povo, Fort.-CE 12.01.1952.

Comum era a prática do futebol por funcionários de algumas empresas de médio/grande porte no Estado. Inúmeros foram os clubes fabris e que por fatores em comum tiveram o mesmo fim: portas fechadas por falta de organização financeira ou dificuldades econômicas pelas quais passavam suas empresas patrocinadoras.

Assim fala o saudoso memorialista Alfredo Sampaio sobre o Usina: *O simpático alvi-anil de Otávio Bonfim foi fundado a 10 de setembro de 1949, por funcionários da centenária firma Siqueira Gurgel e Cia Ltda., iniciando suas atividades em 1951.*(Sampaio, 2007:74)

Epítetos como alvi-anil de Otávio Bonfim, azulino da Siqueira Gurgel eram atribuídos ao clube por conta de seu uniforme listrado verticalmente nas cores brancas e azul e o fato de que a fábrica que deu origem ao time ficava no bairro Otávio Bonfim.

Mas foi como clube proletário e equipe fabril que o Usina Ceará foi mais caracterizado pela imprensa. Tais denominações advêm do fato de que num primeiro momento o Usina Ceará era formado, principalmente, por funcionários da fábrica Siqueira Gurgel, dedicada a atividade de produção de óleos e sabões para consumo externo e importação. Interessante é pensar que já em meados da década de 1950 – quando já era da primeira divisão do futebol cearense – o Usina comporta em seu elenco jogadores profissionais e que não exerciam nenhuma função dentro da fábrica. Mas mesmo assim, os discursos jornalísticos que denominavam seus atletas de jogadores fabris predominam até o fim do clube.

Partindo para o âmbito empresarial dessa prática, podemos pensar qual o interesse dos donos da fábrica em bancar um time nos quadros da primeira divisão do futebol cearense.<sup>10</sup> Ter que arcar com material esportivo, salários em dia, manutenção de estádio, além de, no caso do Usina, ter que manter uma categoria de base. Fica o questionamento: qual o retorno que a empresa tinha em manter essa prática?

Não tive a oportunidade de realizar entrevistas – de acordo com os padrões técnicos acadêmicos necessários para utilização da metodologia da história oral – com ex-jogadores do clube. Mas pude conversar com José Gerardo da Cruz, ou

---

<sup>10</sup>Tribuna do Ceará Fort.-CE 15.12.1957. Havia no Usina Ceará uma estrita participação dos dirigentes da fábrica no cotidiano esportivo clube. Eis uma matéria exibida no jornal Correio do Ceará que exemplifica bem isso: *Aldemir Gurgel Dirigiu a Prática Do Usina Ceará. Coletivamente, ensaiaram ontem a tarde, no Estádio Teófilo Gurgel, os profissionais do Usina Ceará, sob a direção de Aldemir Gurgel de Souza, atual responsável pela direção técnica do grêmio proletário.*

simplesmente Zé Gerardo, médio volante que atuou nove anos no Usina Ceará – 1952 à 1963 – participando inclusive das categorias de base do time. Zé Gerardo contou-me que o clube não dava nenhum retorno financeiro para os donos da fábrica e que os dirigentes o mantinham por pura vaidade e gosto pelo futebol.

Mas não podemos ter uma visão tão simplista da situação, uma vez que nem tudo pode ser visto pelo prisma econômico.

A preocupação dos empresários com a manutenção da organização e da disciplina nos clubes, certamente, teria o objetivo de preservar uma imagem de ordem e de eficiência que conduziria ao sucesso. O prestígio da empresa, se não era totalmente dependente do desempenho do futebol, podia, em parte, ser favorecido por ele. Afinal, o clube era uma espécie de cartão de visitas da empresa. (ANTUNES, 1994:106).

De acordo com a socióloga Fátima Antunes, em seu artigo *O futebol nas fábricas*, existem outras benesses de uma fábrica manter um clube de futebol, para além do econômico. Uma boa imagem do time gera, conseqüentemente no imaginário popular, uma boa imagem da fábrica. Mas esse viés econômico tem sua especificidade presente no tocante à publicidade da fábrica sim.

Na época do Usina Ceará, não se utilizavam as logomarcas das empresas patrocinadoras estampadas nas blusas dos clubes, como se faz hoje. Mas a fábrica tinha sua marca publicizada no próprio nome da equipe que possibilitava um novo caminho para a venda de seus produtos – a fábrica Siqueira Gurgel também era muito conhecida por Usina Ceará –, além do mais não eram raros os anúncios da fábrica nas páginas esportivas dos periódicos da época.

E para os jogadores-trabalhadores, o que significa essa prática? Parto de algumas ideias referentes ao tema na tentativa de alcançar certas significações evidentes.

De acordo com o historiador Eric Hobsbawn essa vinculação entre a prática esportiva do futebol a muito está ligada à questão do mundo do trabalho quando diz que esse esporte proletário de massa poderia ser quase uma religião leiga.<sup>11</sup>

Percebe-se o quanto essa relação entre futebol e o cotidiano proletário é intrínseca e remete ao seu processo de popularização. Será diversão, financeiro, ou condicionamento físico? Difícil é trabalhar com subjetividades de uma coletividade que

---

<sup>11</sup> Hobsbawn Eric. O mundo dos trabalhos, p.262.

se mostram permeadas por várias especificidades. O que levaria um trabalhador braçal a gastar seu tempo de descanso – que seria, na teoria, seu e não para produzir para outrem – numa atividade física tão desgastante quanto o futebol?

Para Roberto DaMatta, é o esporte uma ferramenta essencial que mantém coesa mente e corpo do homem em suas atribuições mais subjetivas, para além do materialismo de seu cotidiano laboral:

Foi dentro deste universo arbitrário e certamente auto-referido que nasceu o esporte e a arte. Tais são as atividades que, dizem os materialistas, o homem não precisa e nelas se aliena. Mas o fato é que sem arte, vinho e música – sem os esportes e os jogos – os homens não sobreviveriam. Pior que isso, não seriam verdadeiramente humanos. Pois o que nos distingue dos brutos é precisamente essa capacidade de poder praticar o que não é objetivo, nem produtivo ou muito menos necessário, como o jogo e o ritual. (DAMATTA, 2006:60-1).

Essas atribuições são válidas se levarmos em consideração aqueles que o praticam puramente por lazer. Mas, a partir do momento que passa a haver uma profissionalização do futebol dentro da fábrica, essa perspectiva toma outras conformidades que resultaram em outros significados para essa prática. Fátima Antunes aborda essa questão com clareza:

A especialização da prática esportiva nas fábricas excluiu das equipes a maior parte dos trabalhadores, aqueles que queriam jogar apenas por diversão. Foram substituídos pelos operários-jogadores, que encaravam o futebol com mais seriedade. (ANTUNES, 1994:108).

Para esses operários-jogadores haverá toda uma nova significação das suas práticas no interior de seu trabalho. Trabalhos como uma leve limpeza, rondas de vigilância e até, para os mais espertalhões, mesmo um fazer nada durante o expediente, eram atribuídos a esses jogadores proletários e garantiam uma maior disposição e vigor na hora do treinamento – que acontecia diariamente, depois que o Usina passou a integrar a primeira divisão do futebol cearense.

Segundo o ex-jogador Zé Gerardo, aqueles que trabalhavam na Siqueira Gurgel e jogavam no Usina Ceará, além de terem seus serviços “aliviados”, recebiam pelo seu trabalho na fábrica e em campo. Tal declaração vai ao encontro ao que Fátima Antunes aborda sobre o assunto:

A partir desse momento, o futebol se transformava para eles em atividade profissional paralela, cujos vencimentos, sob forma de gratificação ou de segundo

salário, complementavam sua renda mensal. Dedicavam a semana à fábrica e o final de semana ao futebol. (ANTUNES, 1994:108).

Esse profissionalismo operário despertava em muitos jogadores o desejo de alçarem voos maiores. Viam nesta atividade uma possibilidade de ascensão social e que lhes garantisse uma estabilidade econômica. “Carreiristas”, assim, a antropóloga Simone Guedes caracteriza essa categoria de jogadores.

[...] operários-jogadores que julgavam a posição no time de fábrica como etapa inicial de uma verdadeira carreira como jogadores profissionais. Eles não jogavam por diletantismo. Tinham interesses bem definidos em relação ao futebol. (GUEDES, 1977:146).

Essa prática dos jogadores “carreiristas” era comum, também, nas décadas de 1950-60. Podemos tomar o exemplo de Jairo goleiro do Usina, que teve grande destaque no campeonato de 1964. Em entrevista cedida ao jornal Correio do Ceará o goleiro diz:

Gostaria de continuar no Usina, mas a indecisão do “alvi-anil” sobre sua participação ou não no próximo campeonato, obriga-me como profissional que sou a tomar outro rumo. Por isso já entrei em entendimentos com o Fortaleza, havendo grandes possibilidades de que venha a ingressar no campeão cearense.<sup>12</sup>

Podemos ver em sua declaração que já havia a ideia de ser um profissional da bola nesse período. E como profissional que é precisa tomar de conta da sua carreira pensando em melhores perspectivas financeiras que, provavelmente, não serão alcançadas dentro de um clube com características fabris.

Para reforçar essa ideia de que já existia uma autoconsciência profissional de um atleta que se dedica incondicionalmente ao seu “clube patrão”, uma entrevista cedida à revista *O Crack* o atleta Nagib – do elenco de 1961 do Fortaleza Esporte Clube – declara: “*Sou profissional e não tenho segundo clube. O que me pagar mais derramarei ‘sangue suor e lágrimas’ por ele.*”<sup>13</sup>

Quanto à torcida me surgem algumas inquietações. Quem eram esses torcedores? Por que torciam? Eram os alienados pela bola, ou viam na prática de torcer uma possibilidade de união classista dando assim um novo significado ao ato de torcer? São inquietações que me veem e que procuro achar caminhos possíveis a seguir futuramente.

---

<sup>12</sup> Jornal Correio do Ceará, Fort.-CE 20.02.1965.

<sup>13</sup> Revista O Crack. Número VIII, setembro de 1961.

De acordo com Alberto Damasceno, *o Usina tinha sua torcida de funcionários da Siqueira Gurgel, e gente que morava no Morro do Ouro, nas cercanias do estádio fabril.* (Damasceno, 2003:199).

A declaração de Alberto Damasceno pode ser fundamentada, em parte, a partir de uma entrevista coletada, novamente, pela revista *O Crack* onde o cronista do jornal O Estado João Serra se declara torcedor do Usina, pelo local de residência, além de parentesco com a família dona do clube:

Desde 1954 quando me transferi para esta capital que resido no Otávio Bonfim, motivo porque sempre senti grande simpatia pelo 'clube proletário'. Também a afinidade e parentesco com a família Gurgel vieram aumentar essa simpatia. Respeitando minha condição de cronista, declaro: 'torço sempre pelo Usina'.”<sup>14</sup>

Assim como os jogadores, mas sem tanto esforço físico, esse torcedor também dedicava seu tempo livre a uma prática não produtiva e que lhe tirava seu tempo de descanso. Talvez seja a identidade que este cria com o time que faça com que esses torcedores estejam juntos com aqueles que o representam em uma batalha simbólica.

Para DaMatta a torcida é um elemento típico do modo mágico associado ao futebol, mas que por outro lado representa a sociedade do time que a engloba e representa.

#### **4- Conclusão**

Pretendo, num segundo momento, desenvolver o trabalho com a utilização da História Oral, preparando um questionário que possa abranger algumas questões pertinentes como: como realmente se dava o financiamento da fábrica ao clube? O Usina Ceará era apenas futebol, ou cumpria um papel de lazer para além dos trabalhadores, como os clubes sociais de elite da época? Quais eram as reais aspirações dos trabalhadores em relação ao futebol? Etc.

Ainda falando das fontes utilizadas por mim, quero aqui deixar minha indignação quanto ao descompromisso da Federação de Futebol Cearense em relação à preservação

---

<sup>14</sup> Revista O Crack. Número VIII, setembro de 1961

de atas e documentos importantes de anos anteriores, tendo em vista que nada encontrei lá, uma vez que muito material foi queimado, “por não interessar”, ou perdido quando se davam as suas mudanças de sede.

Ainda não consegui entender se havia ou não engajamento político entre seus jogadores numa participação em sindicatos. Essa é uma questão importantíssima para que possa problematizar seu fim, que se deu nos primeiros anos da ditadura, tendo em vista que na literatura esportiva comum, o Usina se finda a partir das dificuldades econômicas passadas pela fábrica Siqueira Gurgel. Tudo por conta do boicote que havia ao Presidente da fábrica à época, Moises Pimentel – Deputado Federal que teve seu mandato cassado por supostas ligações com o PCB. Mas esse não será o foco principal de minha pesquisa. Pretendo, sim, analisar e perceber qual o lugar do futebol à época nesse processo de diversificação do lazer, trazendo como objeto histórico o Usina Ceará, que guarda muito da tradição de clube proletário do início do século XX.

#### **Referências Bibliográficas:**

ANTUNES, Fátima Martim Rodrigues Ferreira. **O futebol nas fábricas**. In: Revista USP: Dossiê Futebol, nº 22 (p.102-109). São Paulo: EdUSP, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FRANCO JÚNIOR. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

HOBBSBAWN, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NEVES, Frederico de Castro. **Para Futuros Historiadores: Teoria e História na Música de Chico Buarque de Holanda**. In: Antônio Germano Magalhães Júnior; José Gerardo Vasconcelos. (Org.). *Linguagens da História*. Fortaleza: imprece, 2003.

NOBRE, Geraldo da Silva. **O processo histórico de industrialização do Ceará.** Fortaleza: SENAI/ DR-CE, 1989.

PEREIRA, Leonardo A.M. **Footbalmania: uma história Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938).** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2000.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-1945).** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza-CE, 2008.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950/1970.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005

SEVCENKO, Nicolau. **“Futebol: Metrôpoles e Desatinos”** In. *Dossiê Futebol:* Revista USP, n.22, jun., jul., ago. 1994, p.30-37.

## **FONTES**

### **MEMORIALISTAS**

DAMASCENO, Alberto. **Presepadas no mundo da bola.** Fortaleza, Governo do Estado do Ceará, 2003.

NIREZ. **Cronologia ilustrada de Fortaleza:** roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

SAMPAIO, Alfredo. **Futebol cearense:retalhos históricos.** Fortaleza, Imprece, 2007

### **JORNAIS**

Jornal “Correio do Ceará – 1953, 1958, 1964, 1965

Jornal “O Povo” – 1951, 1952

Jornal “Tribuna do Ceará” – 1957

### **REVISTAS**

Cancha Esportiva - 1949

O Crack - 1961

### **BIBLIOTECAS PÚBLICAS:**

Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza-Ce.

Biblioteca do Centro de Humanidades da UFC.

.

